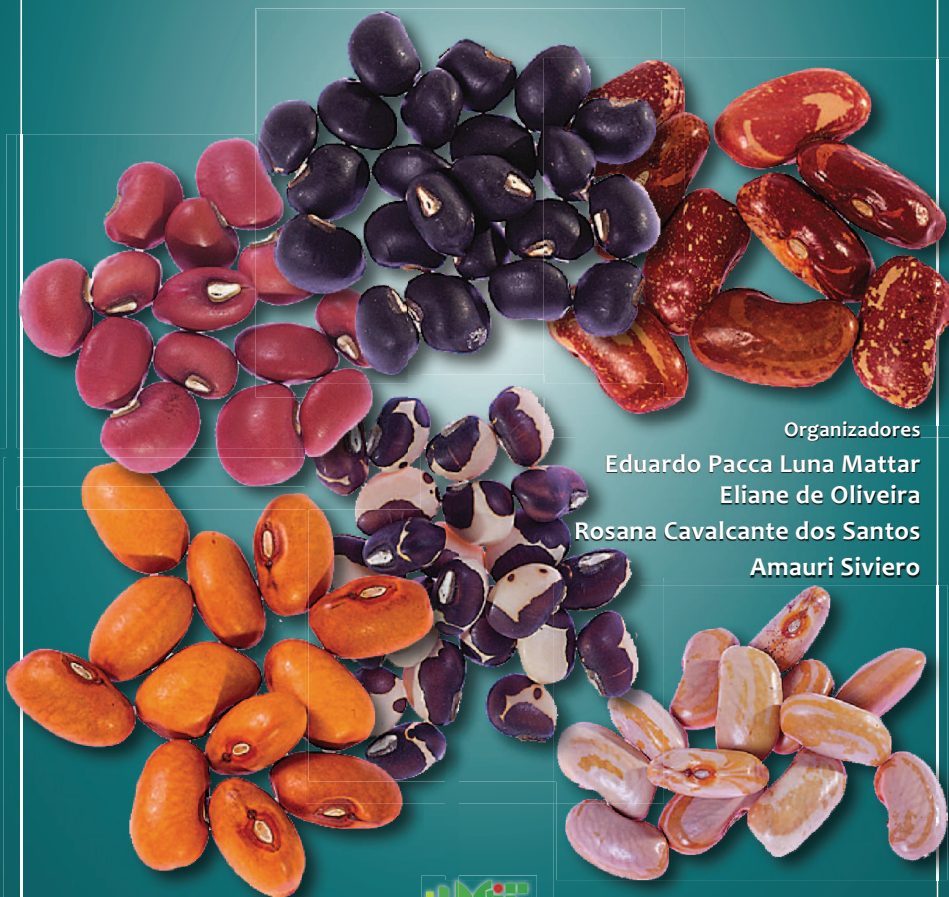


Feijões do Vale do Juruá



Organizadores

Eduardo Pacca Luna Mattar

Eliane de Oliveira

Rosana Cavalcante dos Santos

Amari Siviero



Sistemas produtivos utilizados no Vale do Juruá

- **Jercivanio Carlos Silva de Jesus**
 - **Eliane de Oliveira**
 - **Eduardo Pacca Luna Mattar**
 - **Marlon Lima Araújo**
 - **Amauri Siviero**

A produção de feijão no Vale do Juruá reflete a capacidade de adaptação dos diversos cultivares nas mais diferentes condições de microclima e solo. É interessante notar a competência dos agricultores que, com pouco recurso de investimento e baixo uso de insumos externos, conseguem uma produção de alimento de tanta qualidade.

Os feijões cultivados no Acre Ocidental são produzidos por agricultores familiares, principalmente para subsistência a partir de três sistemas de produção:

1. Sistema de cultivo abafado;
2. Sistema de derrubada e queima;
3. Sistema produtivo de praia.

7.1 Sistema de cultivo abafado

Os feijões são cultivados em solos de terra firme com vegetação de capoeira em estágio avançado de desenvolvimento. Esse sistema é desenvolvido em propriedades inseridas na beira do Rio Juruá e afluentes, com destaque para Reserva Extrativista Alto Juruá. Os cultivares plantados sob esse sistema de produção

são: Peruano Amarelo, Peruano Branco, Gurgutuba Vermelho, Gurgutuba Branco, Gurgutuba Rajado, Gurgutuba Amarelo, Mudubim de Vara e Preto de Rama, todos pertencentes à espécie *Phaseolus vulgaris* L.

O plantio acontece em pleno inverno amazônico, nos meses de janeiro até abril, em que as chuvas são abundantes. A colheita ocorre após os quatro meses: abril, maio, junho e julho. A época mais utilizada e indicada para o plantio é entre os meses de março a abril, pois nesses meses temos chuva suficiente para o desenvolvimento das plantas e, por outro lado, a colheita ocorre nos meses de menor pluviosidade e umidade.

As etapas de produção consistem em 4 principais: desmate seletivo, semeadura a lanço, derrubada das plantas de maior porte e colheita manual. No desmate seletivo o agricultor corta as plantas de pequeno e médio porte da capoeira (arbustos, arvoretas) até uma altura de 1,5 a dois metros (Figura 7.1). Essa atividade é realizada em uma pequena área com aproximadamente um a dois hectares.

Após o desmate seletivo ocorre a semeadura na qual os agricultores espalham a lanço as sementes de feijão, jogando “punhados de mão” com sementes de forma aleatória. Não existe nenhuma adubação, preparo ou correção do solo.

Depois da germinação, quando as plântulas têm de 3 a 5 cm, ocorre a derrubada das plantas de maior porte (árvores) em cima da área de plantio. O interessante nesse método é que a sombra das árvores cria um microclima mais adequado para a germinação das sementes.

Para tal derrubada o corte é realizado na base das árvores utilizando machado, facão ou motosserra. Após a derrubada os restos vegetais ficam espalhados em todo o terreno e as plantas de feijão desenvolvem-se “trepando” nas galhadas e troncos das árvores (Figuras 7.2, 7.3 e 7.4).

Após a maturação das vagens, inicia-se a colheita manual pelos produtores. É importante ressaltar que a área somente é

utilizada para o cultivo de feijão uma única vez, ou seja, somente no primeiro ano. Para o segundo ano, o agricultor utiliza a técnica da coivara, sistema de derrubada e queima, para produzir o milho (*Zea mays* L.), a mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) e o arroz sequeiro (*Oryza sativa* L.). Após o período de 1 ou 2 anos, a referida área é abandonada para regeneração natural e formação da capoeira. Variações desse sistema podem ocorrer dependendo do costume da comunidade (CRAVO et al., 2009).

Figura 7.1 – Aspectos da implantação do sistema de cultivo abafado em área com o desmate seletivo das plantas de maior porte.



Fonte: fotografias de Antônio Silva de Jesus, RESEX Alto Juruá.

Figura 7.2 – Feijão em início de desenvolvimento no sistema de cultivo abafado.



Fonte: fotografia de Antônio Silva de Jesus, Comunidade do Arara, RESEX Alto Juruá, 2012.

Figura 7.3 – Sistema de cultivo abafado com destaque para as plantas de feijão envolvendo a estaca de tutoramento.



Fonte: fotografias de Antônio Silva de Jesus, Comunidade do Arara, RESEX Alto Juruá.

Figura 7.4 – Aspecto geral do sistema abafado de cultivo de feijão no alto Juruá.



Fonte: fotografias de Antônio Silva de Jesus, Comunidade do Arara, RESEX Alto Juruá.

7.2 Sistema de derruba e queima ou sistema produtivo de terra firme com semeadura em cova

Os feijões são cultivados em solos de terra firme. Nesse sistema de produção, bastante comum na Amazônia, se utiliza a técnica da coivara na qual são derrubadas áreas com cerca de 1 e 2 ha de capoeira (mata secundária) e, em seguida são queimados os restos vegetais (fitomassa) (Figura 7.5).

Após o desgaste do solo, as áreas são abandonadas e deixadas em pousio e novas áreas são abertas e preparadas

para uma próxima safra. Um local de referência neste sistema de produção é o ramal 3, do PAD Santa Luzia, em Cruzeiro do Sul, Acre. O plantio ocorre nos meses de maio e junho onde os feijões são semeados em cova utilizando-se plantadeira manual ou enxada. A colheita ocorre de forma manual em agosto e setembro, em período com menor pluviosidade.

Os espaçamentos variam de produtor para produtor. Um espaçamento bastante adotado é o de 0,5 m ou 0,40 m entre linhas e 0,20 m entre plantas. Em algumas unidades produtivas ocorre adubação química, preparo e correção do solo, além de controle químico de pragas. Os principais cultivares plantados nesse sistema de produção são: Carioca, Rosinha Pitoco, Enxofre e Mineirinho Roxo, da espécie *Phaseolus vulgaris* L., e os cultivares Quarentão e Manteiguinha, da espécie *Vigna unguiculata* (L.) Walp. (OLIVEIRA et al., 2015).

Figura 7.5 – Feijão cultivado no sistema de derrubada e queima e aspectos das vargens em desenvolvimento na Propriedade Céu Azul do PAD Santa Luzia.



Fonte: fotografias de Eduardo Mattar.

7.3 O sistema produtivo de praia

O rio Juruá e alguns de seus afluentes possuem água barrenta com grande quantidade de material em suspensão. Segundo Sioli (1984), que propôs a classificação das águas pertencentes à bacia amazônica, este tipo de água é classificada como água branca, possuindo cor amarelada e turva e, também, pertencendo aos rios com cabeceira inserida nos Andes ou em outras regiões montanhosas. As áreas inundáveis desses tipos de rios são denominadas de várzeas (PRANCE, 1980; SIOLI, 1964). (Figura 7.6).

Figura 7.6 – Volume de água do rio Juruá em janeiro (A) e em agosto (B) mostrando a diferença no nível da água e a formação das praias em Cruzeiro do Sul.



Fonte: fotografias de Eduardo Mattar.

Alguns agricultores cultivam feijão em solos das praias dos barrancos, que são utilizáveis durante a vazante dos rios de água barrenta e que possuem uma fertilidade natural. Essas baixadas com solos classificados pelos moradores locais de “barro branco” e “areia de várzea” são classificados, respectivamente, como Gleissolos e Neossolos Flúvicos (AMARAL; MELO, 2002). Nesse sistema de produção são utilizados barrancos e praias dos rios Juruá e afluentes, como: Tejo, Amônia, São João e Breu (Figura 7.7).

Figura 7.7 – Perfil de um solo de praia e aspectos da plantação do feijão caupi em época de colheita na RESEX Alto Juruá.



Fonte: fotografias de Eduardo Mattar, RESEX Alto Juruá.

Os cultivares plantados sob esse sistema de produção são: Manteiguinha, Manteiguinha Roxo, Corujinha, Quarentão, Mudubim de Rama, Branco de Praia, Preto de Rama, Roxinho de Praia e Arigozinho, todos da espécie *Vigna unguiculata* (L.) Walp. (OLIVEIRA et al., 2015). O plantio acontece em maio e junho, quando os rios estão com menor volume de água. A colheita ocorre após quatro meses, entre agosto e setembro.

Quando o rio começa a baixar, alguns agricultores iniciam o plantio no “barranco”, região entre a várzea e a praia. Com o nível baixo do rio os agricultores plantam diretamente na praia com o uso de enxada. Em anos de muita chuva, podem ocorrer inundações nessas praias, afetando o cultivo e diminuindo a produção (Figuras 7.8).

Em áreas com alta infestação de plantas espontâneas, como a canarana (*Hymenachne donacifolia* (Raddi) Chase) os agricultores realizam uma ou duas capinas, chamadas localmente de “limpas”, utilizando a enxada ou o facão. Com as vagens maduras o agricultor e sua família efetuam a colheita manual dos grãos. Evidencia-se que em nenhuma etapa da produção são utilizados fertilizantes e defensivos agrícolas.

Figura 7.8 – Feijões caupi cultivados no barranco na época do início da vazante dos do Juruá e afluentes.



Fonte: fotografias de Antônio Silva de Jesus e Eduardo Mattar, RESEX Alto Juruá.

Referências

AMARAL, E. F.; MELO, A. W. F. de. Solos. In: CUNHA, M. C. C.; ALMEIDA, M. W. B. de (orgs.) **Enciclopédia da Floresta**. São Paulo/SP: Companhia das Letras. 2002, p. 51.

CRAVO, M. S. et al. Sistemas de cultivo. In: ZILLI, J. E. et al. (eds) **A cultura do feijão-caupi na Amazônia brasileira**. Boa Vista: Embrapa Roraima, 2009. p. 59-104.

OLIVEIRA, E. de et. al. Descrição de cultivares locais de feijão-caupi coletados na microrregião Cruzeiro do Sul, Acre, Brasil. **Acta Amazonica**. v. 45, n. 3, 2015. p. 243- 254.

PRANCE, G. T. A terminologia dos tipos de florestas amazônicas sujeitas à inundação. **Acta Amazônica**, v. 10, n. 3, 1980. p. 495- 504.

SIOLI, H. Hydrochemistry and geology in the Brazilian Amazon region. **Amazoniana**. v. 1, 1984. p. 74-83.

SIOLI, H. Solos, tipos de vegetação e águas na Amazônia. **Boletim Geográfico**, v. 79, 1964. p. 147-153.